AT_CASTILHO_4.1.6
DOC. 0024

ESP - 26/8/1967

**Título**: LE LATIN VULGAIRE. Paris, PUF, 1967, 225 págs. (Coleção "Que sais-je?" nº 1247).

**Autor**: Joseph Herman, Professor na Universidade de Debrecen, antigo Professor Associado na Sorbonne.

**Assunto**: Trata-se de uma apresentação das características essenciais do latim vulgar e sua transição para as línguas românicas; o trabalho consta de sete capítulos: O latim vulgar, história e definição do têrmo; As condições externas; Fontes e Métodos; A evolução fonética; As flexões; O grupo de palavras e a frase; O vocabulário; Problemas gerais (a datação do latim vulgar, e tendências essenciais de sua evolução).

As questões fundamentais do latim vulgar são assim revistas, começando pela conquista e romanização do Império (história externa) e concluindo pelo exame de seu sistema fonético, morfológico, sintático e lexicológico (história interna).

Acentuando preliminarmente que o latim vulgar não teve unidade, opina, quanto à evolução fonética, que o desaparecimento do acento musical não pode ser atribuído à concorrência do acento de intensidade, pois no húngaro coexistem ambos os acentos. Condições próprias ao sistema fônico do latim vulgar teriam determinado a neutralização das oposições de duração.

Para Herman, o sistema de oposições da morfologia verbal latina se conservou mais do que o da morfologia nominal; pode-se objetar que dêste ângulo também os nomes pouco mudaram, exceção feita dos casos.

A tendência a valer-se de torneios perifrásticos levou o latim vulgar a criar certo número de locuções conjuncionais (<u>pro eo quod</u>, <u>ab eo quod</u>, <u>ex eo quod</u>, <u>in eo quod</u>, <u>per eo quod</u>) prepositivas (<u>abante</u>, <u>de intus</u>, <u>deforis</u>, <u>de ex</u>, <u>de ab</u>) e adverbiais (<u>ad horam</u>, <u>hac hora</u>, <u>illa hora</u>).

**Apreciação**: Dividem-se em dois grupos os romanistas que têm estudado o latim vulgar: de um lado, os que o entendem como

a língua falada pelas classes mais baixas da população, devendo ser estudado por meio da comparação das línguas românicas e, secundàriamente, por meio da utilização de textos. O método histórico-comparativo, aqui aplicado, revelou que o substrato comum às línguas românicas (vale dizer, o latim vulgar) apresenta os traços típicos de uma linguagem popular. E como uma série de inovações cultas permearam as línguas românicas ao longo de sua história (renascenças carolíngua e seiscentista, prestígio cultural do francês, influência do latim eclesiástico), tomou-se o romeno para ponto de referência: é necessário que os datos fornecidos pela comparação encontrem eco nêle para que se lhe garanta a autenticidade (lembre-se que o romeno, por razões históricas, deixou de receber aquelas influências). Essa orientação opõe vivamente latim vulgar a latim medieval, considerado como manifestação tardia do latim literário, conquando privado do brilho que caracterizou esta última variante.

Entre nós, tem adotado êsse ponto de vista o Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., em seus trabalhos <u>A Unidade da Romênia Ocidental</u>, 1951, <u>Gramática do Latim Vulgar</u>, 1959, e <u>O Problema do Latim Vulgar</u>, 1962 (Herman só parece conhecer o segundo dêstes trabalhos, que cita na bibliografia).

Outros romanistas supõem que o latim vulgar tenha sido a língua falada pela classem média romana. As fontes de que se servem - textos em que se recolhem vulgarismos - contribuem para o fortalecimento dessa opinião, pois a consulta a tal tipo de fontes nem sempre permite distinguir o que é peculiar ao latim vulgar (séculos III a.C. - V d.C.) do que é influxo culto posterior.

Em face dessas duas possibilidades, a posição de J. Herman nos pareceu hesitante: definindo à p. 17 o latim vulgar como a variante falada pelas camadas pouco influenciadas pelo ensino escolar e pelos modelos literários (o que

pode incluir fàcilmente a classe média), dá-lhe como fontes de estudo, em contrapartida, tanto as línguas românicas quanto os ~~kk~~ textos, afirmando que as observações colhidas nos textos só têm valor quando confirmadas pelas línguas românicas, e vice-versa (p. 35).

Apesar dessa afirmação, contudo, valeu-se largamente dos textos do latim medieval, do que tudo resultaram alguns deslises que passo a enumerar: 1) não distinguiu latim vulgar de latim tardio, usando tais expressões como sinônimas (pp. 93, 96 e 124); 2) dá como vulgares traços lingüísticos que as línguas românicas desconhecem, ou que receberam posteriormente, por via culta: à p. 77 sente-se embaraçado para explicar a presença da passiva sintética em textos merovíngios; à p. 75 admite a sobrevivência do particípio futuro, competindo <u>facturus sum</u> com <u>faciam</u>; acredita que o sufixo -<u>izare</u>/-<u>idiare</u> seja vulgar, quando é certo que sua abonação só se dá em textos de latim eclesiástico (p. 111); 3) se o A. houvesse interpretado as tendências latentes no rico material que conseguiu agrupar nos apertados limites dos livros desta coleção, teria atinado com a razão do uso de <u>bucca</u> em lugar do literário <u>os</u>, da preferência pelos diminutivos, do uso de locuções prepositivas e adverbiais em lugar de formas simples, etc. (p. 104). Tais fatos ocorreram não porque <u>bucca</u> e <u>apicula</u> tivessem maior massa sonora que <u>os</u> e <u>apis</u>, como admite o A., e sim porque são mais consentâneas com o falar expressivo do povo - em suma, a mesma razão, reconhecida pelo autor, que presidiu à escolha de <u>caballus</u> em lugar de <u>equus</u> (v. p. 106).

A insistência em interpretações como esta habilitaria o leitor somum a ter do latim vulgar uma visão mais aguda, evitando, ademais, as danosas confusões entre êste e o latim medieval, hoje eliminadas na Romanística.

Ataliba T. de Castilho